



PRIMO, A. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Angélica Lüersen¹

Olhares sobre interação e cibercultura

Peço a palavra. Ela me foi concedida. Eis que venho aqui lhe falar sobre interação segundo a ótica de Alex Primo. Trago aqui não meus apontamentos sobre o tema, mas meu olhar sobre as idéias de Primo em 'Interação mediada por computador'. Este é o título da obra cuja proposta apresenta-se como uma nova abordagem, um outro olhar (diferenciado e curioso), frente ao campo ainda incipiente que se apresenta como cibercultura. O caminho traçado e percorrido entre as velas comunicacionais, cognitivas e socioculturais é, com competência, transposto por Primo nas 240 páginas que compõem a obra. Uma discussão recente (pois a publicação data de 2007) e ousada (visto que, já de início, o autor mostra aproveitamentos e lacunas das teorias que se conhecem sobre interação) pretende, pois (é o que parece transparecer) um pensamento reflexivo e mais aprofundado sobre esse tema que está impregnado e indissociável individual e socialmente (ou você duvidaria disso? Venha! Vamos imaginar o caminho juntos!).

O livro surge de uma insatisfação com as teorias de que, tradicionalmente, se cerca o termo "interatividade", visto que estas se apresentam como lacunares, desajeitadas, incompletas².

Daí, por meio de uma revisão crítica baseada numa abordagem sistêmico-relacional, Primo defende uma nova tipologia para os estudos sobre interação: interação mútua e interação reativa. Esta abordagem vai além do viés tecnicista trazido pelas teorias que disputavam lugar à mesa, visto que essas propunham, como foco de atenção, apenas a relação entre o meio e o homem, sendo a transmissão da mensagem o eixo principal. Logo, Primo propõe uma análise dos diferentes modos de interação mediada por computador, vista sob as ações e relações entre os envolvidos no processo.

Cinco capítulos formam o corpo da obra e nos levam a aprofundar e refletir sobre o tema interatividade (cuja finalização ganha, nas linhas que seguem como considerações finais, os contornos próprios de um estudo profícuo). O primeiro deles aponta teorias e definições sobre interação, evidenciando o "lugar-comum", já instituído, acerca do termo. Primo

¹ Graduada em Jornalismo. Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Rua Vale Machado, 1726, apto 405, Santa Maria, RS, Brasil. 97.010-530. angelicaluersen@gmail.com

² Há que se dizer que, por ser um território ainda pouco explorado, a possibilidade de um teórico superar o outro assim que as idéias são lançadas é muito possível, visto que o entendimento, bem como o conhecimento, está sendo construído a muitas mãos, seja por meio de erros ou acertos acerca do tema.

propõe-se a questionar estes estudos apresentando cada uma das propostas e 'visões', bem como suas contribuições, falhas e avanços. Autores³ como Brecht, Enzensberger, McLuhan e Thompson são trazidos para discutir 'a interação mediada pelos meios tradicionais'. Ao tratar da 'busca pela TV interativa' são considerados Matuck, Lemos, Brand, Machado, Thompson, Rose, Bucci e Willians. Na discussão acerca das visões tecnicistas e mercadológicas sobre interatividade, os autores Rafaeli e Machado são os norteadores desse pensamento. As críticas feitas quanto à ênfase na performance do computador estão baseadas nas teorias de Lippman, Vaughan, Steuer, Dertouzos, Lanier, Jensen e Loes de Vos. No subitem 'Participação, diálogo e bidirecionalidade', Primo sistematiza o conceito de interatividade resgatando Silva, Marchand, Matuck, Couchot, Rafaeli, Machado, Bairon e, também, Rafaeli e Sudweeks. "'Interatividade" como argumento de venda' traz à tona a discussão fundamentada por Baudrillard, Sfez, Silva e Al e Laura Ries, e encerra o primeiro capítulo da obra.

No segundo capítulo, sob abordagem sistêmico-relacional, como já foi dito, a proposta é afastar-se dos enfoques tradicionais (de produção, transmissão e recepção) e discutir interação como uma 'ação entre' os participantes. O foco não será dado por interagentes individuais, mas pelo relacionamento entre os interagentes, ou seja, aquilo que acontece entre os sujeitos e o computador.

As formas dialógicas originadas nas interfaces da internet propiciam um olhar mais aguçado do que aquele com viés tecnicista e tradicional, provocando, não uma ruptura, mas um avanço no entendimento da comunicação aí presente. Nas interações mediadas por computadores, Primo propõe uma argumentação que perpassa os estudos sobre inteligência artificial e, também, as experiências próprias dos processos de comunicação

e relação estabelecidos via internet.

Aqui, dois tipos de interação são propostos por Alex Primo: a interação mútua e a interação reativa. Este é o eixo dos capítulos três e quatro.

Nas 98 páginas que discorrem sobre a tipologia e elucidam os conceitos de interação mútua e reativa, fica evidente o esforço de Primo no que diz respeito à observação dos novos meios (diga-se aqui, já não tão novos assim) e aos consideráveis estudos na área. Para ele, a maioria das interações no ciberespaço não é plena, isto é, é reativa. Por interação reativa ele entende aquela cujas ações se estabelecem acerca de determinadas condições iniciais; são, portanto, pouco livres e atendem a objetivos específicos. As trocas são condicionadas, predeterminadas, ou seja, a resposta sempre será prevista e virá por causa de um certo estímulo. Por isso mesmo, a denominação 'reativa', pois é sempre uma reação (esperada) frente ao estímulo. O interagente⁴ nem sempre tem a noção de estar sendo guiado, pois os processos podem se camuflar como livres⁵. De certo, o modo de interação mais veemente (mas nem por isso, alerta Primo, garante relações amistosas ou mais democráticas) é aquele que não demarca os caminhos, mas os deixa livres e incondicionais, onde interagentes se encontram constantemente para contínuas problematizações (e não deixam de ocorrer aí relações de poder e impactos contextuais). Aqui a construção se dá na relação entre os interagentes, pois a interação se dá naquele momento. É assim que Primo caracteriza interação mútua. Não há fronteiras preestabelecidas, uma vez que as respostas são livres e interferem, de fato, no processo e no resultado, que se constrói e se atualiza nas ações entre. Para além de uma classificação fechada ou extremamente delimitada, há casos em que as duas tipologias podem se juntar ao mesmo tempo e, assim, passam a ter um caráter híbrido, com características mútuas e reativas.

³ Listo aqui os autores que aparecem nessa parte primeira justamente por se tratar de um resgate teórico, realizado por Primo, que fundamenta toda sua discussão posterior.

⁴ Uso aqui a terminologia de Primo, que propõe uma substituição da palavra 'usuário' a fim de expandir e de evitar um olhar viciado sobre o termo.

⁵ Mesmo num site de notícias, por exemplo, podemos fazer um caminho exclusivo, mas sempre será uma escolha feita entre as possibilidades apresentadas de antemão.

Como fruto de uma discussão bastante densa e peculiar, o quinto capítulo traz uma distinção (entenda-se, aqui, como puramente conceitual, de fato) entre processos de conflito e cooperação. A abordagem que se faz frente a tais processos, abarcados nas interfaces da cibercultura, é sob o enfoque dos aspectos social e digital. Desse modo, Primo pretende salientar que, no cenário do ciberespaço e nas relações sociais que se estabelecem por meio dele, o conflito e a cooperação aparecem como reações possíveis e não contraditórias (ou extremas), uma vez que ambas levam ao potencial debate das questões, isto é, levam à relação (seja ela conflituosa ou cooperativa), e que podem vir a ocorrer em diferentes graus, mas ao mesmo tempo. Seguindo o mesmo raciocínio, ambas são entendidas como resultado natural da existência social (uma que demonstra interesses em comum e, assim, uma força de unificação, outra que, pela disparidade, leva também à interação). Tanto a cooperação não precisa ser entendida como algo racionalmente bom ou altruísta (o desencantar da visão sobre cooperação, que o autor nos mostra), quanto o conflituoso ou contraditório não deve ser visto como um muro intransponível à cooperação, mas sim como possibilidade que estimula e move os processos de interação.

Mas o que significa “interatividade”? A resposta dessa questão cabe a você, caro leitor, desvendar na obra. As teorias tradicionais que sempre serviram de base às discussões dos processos comunicacionais agora exigem um passo além, um novo olhar para poder explicar esse novo ‘universo’ que se apresenta. É o que Primo nos propõe. Ele exige um repensar acerca das nossas certezas. Ao se deleitar, relevantes apontamentos virão e, com eles, novas questões, outras dúvidas, um tema instigante e, por hora, ainda pouco edificado. As fronteiras ainda estão sendo demarcadas. Convido-lhe a percorrer esta trilha. Devolvo a palavra. Passo-a para você. Qual o seu olhar sobre a ‘interação mediada por computador’?